



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARTA PONTES DE CAMPOS

ELITE ECONÔMICA E GOVERNO BOLSONARO: UM ESTUDO SOBRE AS  
FALAS DO EMPRESARIADO EM ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

Curitiba

2023

MARTA PONTES DE CAMPOS

ELITE ECONÔMICA E GOVERNO BOLSONARO: UM ESTUDO SOBRE AS  
FALAS DO EMPRESARIADO EM ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Ciência Política, no Setor de Ciências Humanas, na  
Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial  
à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Neves Costa

Curitiba  
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Campos, Marta Pontes de

Elite econômica e governo Bolsonaro : um estudo sobre as falas de empresários em entrevistas jornalísticas. / Marta Pontes de Campos. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Neves Costa.

1. Elites (Ciências sociais). 2. Empresários brasileiros - Entrevistas. 3. Brasil – Política e governo – 2019 -2022. 4. Brasil. Presidente (2019 – 2022 : Bolsonaro). I. Costa, Paulo Roberto Neves, 1960-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciência Política. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIA POLÍTICA -  
40001016061P2

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CIÊNCIA POLÍTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARTA PONTES DE CAMPOS** intitulada: **A elite econômica e o governo Bolsonaro-Um estudo sobre as falas de empresários em entrevistas jornalísticas**, sob orientação do Prof. Dr. PAULO ROBERTO NEVES COSTA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica

06/03/2023 17:05:52.0

PAULO ROBERTO NEVES COSTA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/03/2023 09:19:45.0

RODRIGO ROSSI HOROCHOVSKI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

06/03/2023 17:19:32.0

WAGNER PRALON MANCUSO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

---

General Carneiro, 460 - 5º andar - sala 517 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5233 - E-mail: ppgcpufpr@gmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 263078

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prrpg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 263078

*Para as mulheres da minha vida.  
Iná, minha mãe.  
Raquel, Paula e Flávia, minhas irmãs.  
Georgia e Helena, minhas filhas*

## AGRADECIMENTOS

Quando adolescente, no trajeto para escola, meu pai pedia que minha irmã Raquel lesse a principal coluna do dia no jornal Folha de São Paulo, ao mesmo tempo que escutava as notícias na Radio Jovem Pan. Dependendo do assunto, seguia-se uma discussão acalorada. Era início dos anos 1980 e aquela confusão de falas, rádio, política e gargalhadas me fascinava. Agradeço a meu pai, Carlos de Campos, que no pouco tempo de convívio, inoculou em mim a curiosidade sobre a Política e o prazer pelas palavras bem escritas e ditas

Agradeço à minha mãe, Iná Pontes de Campos, que com destreza e amor, me obrigou a não abandonar a primeira graduação, sem ela eu não estaria aqui.

Agradeço ao meu gaiato Ademar Padron, por ter me ensinado em tão pouco tempo, que tudo é possível, como resistir e lutar contra a ditadura, preso, torturado e, depois, “salvo” por um banqueiro que, mais tarde, seria Senador. A ele também sou grata pelos recursos que me propiciaram a oportunidade de desenvolvimento acadêmico.

À professora Paula Pontes de Campos-Rasera, minha irmã, sou grata pela inspiração e incentivo, por ter revisado, indicado melhorias nesta dissertação e pelo “empurrão final” em direção ao Doutorado.

Agradeço ao Sergio Brandão, por ter me transmitido a segurança que, por vezes, ainda me falta e me demonstrado que “o que a vida pede da gente, é coragem”.

Sou grata aos meus colegas do Mestrado que tornaram esta trajetória mais suave e divertida, em particular, o companheirismo e amizade de Amanda Sangalli, Pedro Bergamaschi, Gabryela Gabriel, Dayane Saleh, Gabriel Ferreira, Paula Portela, Paulo Beff, Alex Gruba e Diego Cortezzi.

Agradeço ao meu orientador, professor Paulo Roberto Neves Costa, pelos ensinamentos, inspiração e confiança em diversas frentes de pesquisa; aos professores do PPGCP, pelas aulas e dedicação às melhorias do programa, mesmo durante a pandemia de Covid-19 e à gentileza da secretária do programa, Silvia Sakalauskas, dedicada a solucionar qualquer problema.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), agradeço a bolsa e o financiamento de parte desta pesquisa.

Por último, e mais importante, sou grata pela eterna compreensão das minhas filhas. Georgia e Helena, cada uma do seu jeito, me apoiou, incentivou e relevou pacientemente todas as minhas ausências e irritações, por puro amor.

## RESUMO

Este trabalho explora a relação entre a *elite econômica brasileira* e o sistema político, mais especificamente em torno da *representação* estruturada por proprietários ou administradores de grandes empresas durante o governo de Jair Bolsonaro (2019 a 2022), extraída das falas dos indivíduos dessa elite em entrevistas publicadas nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de S Paulo, O Globo e Valor. Buscou-se trazer à tona, as percepções, opiniões e julgamentos emitidos por parte da elite econômica, que ocupa espaços na *imprensa*, sobre o desempenho do governo federal e do presidente Jair Bolsonaro, de forma estruturada e sistematizada, utilizando a Análise de Conteúdo como metodologia. Entre os resultados, destaca-se a diferenciação de alinhamento da elite econômica em relação ao governo e ao presidente, sendo mais divergente ao desempenho do presidente do que ao desempenho do governo federal.

**Palavras-chave:** elite econômica; governo federal; Bolsonaro



## ABSTRACT

This work explores the relationship between the Brazilian economic elite and the political system, more specifically around the representation structured by owners or managers of large companies during the government of Jair Bolsonaro (2019 to 2022), extracted from the statements of this elite in published interviews in the newspapers Folha de São Paulo, O Estado de S Paulo, O Globo and Valor. It seeks to bring to light the perceptions, opinions and judgments issued by this elite on the performance of the federal government and President Jair Bolsonaro, in a structured and systematized way, using Content Analysis as the main methodology. Among the results, the differentiation of the economic elite's judgment about the government and the president stands out, being more critical of the president's performance than the performance of the federal government.

**Keywords:** economical elite; Federal Government Bolsonaro

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências (assuntos sobre governo federal) x ciclos temporais	32
Gráfico 2: Alinhamento x ciclo (presidente) .....	34
Gráfico 3: Alinhamento x ciclo (governo) .....	34
Gráfico 4: Comparação entre as frequências relativas das variáveis convergência e divergência – governo x presidente .....	34

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Universo pesquisado .....	24
Figura 2: Unidade de análise .....	25
Figura 3: Print da tela resposta (recal2) .....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Corpus da pesquisa .....	24
Tabela 2: Frequência de temas nas falas dos indivíduos da elite econômica .....	31
Tabela 3: Distribuição dos tipos de alinhamento e assuntos sobre governo federal nos ciclos temporais .....	33
Tabela 4: Distribuição dos tipos de alinhamentos e assuntos sobre presidente bolsonaro nos ciclos temporais .....	33

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Protocolo de análise da ac .....	26
Quadro 2: Livro de códigos .....	26
Quadro 3: Ciclos temporais .....	29

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>COMENTÁRIO SOBRE A LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>CULTURA POLÍTICA</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>ESTUDO DO EMPRESARIADO BRASILEIRO</b> .....	<b>18</b>
2.2.1	O Empresariado como Elite .....	21
<b>3</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>COLETA DAS ENTREVISTAS PUBLICADAS</b> .....	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>MÉTODO DE ANÁLISE</b> .....	<b>25</b>
3.2.1	Livro de Códigos (LdC).....	26
3.2.2	Teste de Estabilidade .....	27
<b>3.3</b>	<b>CICLOS TEMPORAIS</b> .....	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>30</b>
4.1.1	Temas prevalentes.....	30
4.1.2	Temas prevalentes e ciclos temporais .....	32
4.1.3	Temas prevalentes, alinhamento e ciclos temporais .....	32
<b>4.2</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>36</b>
4.2.1	Lua de mel.....	36
4.2.2	Entre a “lua de mel” e a pandemia.....	38
4.2.3	Pandemia e eleições .....	38
4.2.4	Final de governo e eleições.....	40
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>
	<b>ANEXO</b> .....	<b>47</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O tema “empresariado e política” tem sido uma agenda de pesquisa profícua para a Ciência Política. No Brasil, a influência e atuação do empresariado sobre o Estado é observada desde o Império brasileiro. Nesse cenário, o historiador e cientista político, Carvalho (2008) identificou que o Estado dependia economicamente do recolhimento de impostos reconhecidos ao governo-real pelos proprietários escravagistas, um valor que correspondia aproximadamente de 70% da arrecadação total. Ao passo que, atualmente, nos estudos de Sociologia ou Ciência Política, as várias interfaces entre o mundo político e empresarial no Brasil são exploradas por pesquisas que investigam o recrutamento de atores para cargos burocráticos, composição de quadros de alto escalão do Poder Executivo ou para disputas de cargos nos Poderes Legislativo e Executivo (MACHADO, 2020; ENGLER, 2020; COSTA; COSTA; NUNES, 2014). A literatura também revela estudos que analisam a influência desse grupo social nas dinâmicas desenvolvimentista e liberal das políticas econômicas e sociais ao longo da história brasileira (CARDOSO, 1964; BRESSER-PEREIRA, 1974; DINIZ, 1992). Outros, ainda, tratam o empresariado como um ator político, representado por organizações que se articula politicamente com o objetivo de influenciar a formação de agenda em busca da satisfação de seus próprios interesses. (MANCUSO, 2004; COSTA; BORK, 2019).

Este trabalho explora a relação entre a *elite econômica brasileira*<sup>1</sup> (COSTA, 2014) e parte do sistema político, mais especificamente aquele em torno da *representação*<sup>2</sup> (COSTA; BORCK, 2019) estruturada por proprietários ou administradores de grandes empresas durante o governo federal em exercício entre 2019 e 2022, extraída das falas dessa elite em entrevistas publicadas em veículos de imprensa de grande circulação. Busca-se, portanto, trazer à tona, de forma estruturada e sistematizada, as percepções, opiniões e julgamentos emitidos por essa elite sobre aspectos da Política (eleições, políticas públicas e política econômica), dentro de um contexto específico (governo Bolsonaro). Vale ressaltar que a análise do que foi dito pelos empresários e publicado pela *Imprensa*, uma reconhecida arena política e pública, é uma estratégia de abordagem científica de uma das formas de ação desse grupo social, com o objetivo de influenciar o ambiente político, ou seja, um tipo de ação política que utiliza jornal como ferramenta desta ação.

---

<sup>1</sup> A abordagem ao objeto de pesquisa é feita pela perspectiva apresentada por Costa (2014), “elite econômica, pensada a partir do exercício de poder econômico relevante, no caso, de gerenciamento de grandes empresas.”

<sup>2</sup> “... *representação* não remete à clássica questão da representação política e apenas pretende apreender como um dado ator institucional caracteriza e analisa a sua atuação ante situações nas quais se vê em função do seu objetivo de definir e defender o que seriam os interesses do grupo social” (COSTA; BORCK, 2019, p. 438)

O interesse aqui não é testar possíveis hipóteses de comportamento ou de *representação* do empresariado brasileiro no ambiente político, e sim de análise e compreensão para para descrevê-los. Entretanto, parte-se do pressuposto teórico de que as ideias têm potencial de influenciar o comportamento de atores sociais. Ainda que não se busque os efeitos ou a relação de causalidade das ideias expressas publicamente pelo empresariado brasileiro, em seus julgamentos e opiniões sobre o Governo Federal (2019 – 2022) e seu Presidente, observa-se tais ideias à luz de um dos procedimentos dos estudos de Virada Ideacional<sup>3</sup> identificados por Perissinotto e Stumm (2017, p. 137), aquele que se refere à: “(1) *identificação de conteúdo substantivo das ideias cujo impacto se propõe analisar.*” Considera-se avaliar a substantividade e relevância do conteúdo em análise para a continuidade de estudos sob essa ótica.

De modo particular, a análise da *representação* da elite econômica sobre o sistema político durante o Governo Federal (2019 – 2022), insere-se no conjunto de estudos da Cultura Política que busca compreender valores, atitudes e crenças, que pode sustentar ou não um determinado sistema político, considerando que comportamento e estruturas políticas se influenciam mutuamente<sup>4</sup>.

Nesse sentido, enfatiza-se que o período analisado é emoldurado por um contexto crítico político e social, e provocado por fatores conjunturais relevantes ao empresariado, entre outros. Destacam-se, a dificuldade de ampliação do crescimento econômico do Brasil – já percebida desde segundo governo Dilma Roussef (2015-2016)<sup>5</sup> – e a crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19, que, por sua vez, além de agravar as questões econômicas, revelou e intensificou a desigualdade social brasileira<sup>6</sup>, demandando políticas públicas emergenciais.

A pergunta que se busca responder é: Qual é a *representação* da elite econômica brasileira sobre o governo de Jair Bolsonaro e sobre a atuação do Presidente? A partir dela, pretende-se identificar se existe algum grau de aproximação ou distanciamento do empresariado em relação ao governo e ao presidente, se há uma possível indicação de cunho ideológico para esse posicionamento e se houve variação ao longo do tempo. Além desses aspectos, é possível

---

<sup>3</sup> “a “virada ideacional” defende que somente a inclusão das ideias dos atores políticos poderia explicar adequadamente os processos decisórios.” (PERISSINOTTO; STUMM, 2017, p 121)

<sup>4</sup> “valores afetam a escolha de instituições (seu desenho e sua missão) e o funcionamento positivo ou negativo destas moldam a cultura política, contribuindo para sua continuidade ou mudança” (MOYSÉS, 2008, p 17)

<sup>5</sup> Segundo a série histórica do Produto Interno Brasileiro (PIB/IBGE), em 2014, o índice foi 0,5% e chegou a – 3,5%, em 2016 (fonte: IBGE)

<sup>6</sup> Sobre a conjuntura social e econômica do período, consultar relatório do Banco Mundial (2022), “*Brazil Poverty and equity assessment*”.

observar se houve “*período de lua de mel*”<sup>7</sup> entre o governo e o empresariado, se há predominância de assuntos nas entrevistas e caracterizar o comportamento do empresariado em uma arena pública, política e mediada pela *Imprensa* e seus jornalistas.

O objeto de análise dessa pesquisa é o conjunto de textos composto por entrevistas publicadas em jornais, no período entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022, cuja fonte (entrevistado/a) se enquadra no conceito de elite econômica, e que apresente sua *representação* sobre o Governo Federal (2019 – 2022) ou o presidente Jair Bolsonaro. Cabe ressaltar que, o recorte em relação ao “sujeito que fala” atende aos critérios de identificação e localização desta elite com uma combinação entre o método posicional e o método *reported* elite (HOFFMANN-LANGE, 2018; HICKS *et al*, 2015).

Os textos foram extraídos e coletados por meio da plataforma Knewin<sup>8</sup> que, previamente, capturou o conteúdo completo dos veículos de imprensa disponibilizados digitalmente: O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de S. Paulo, e Valor Econômico. Nessa plataforma, os textos foram obtidos mediante a *string* (expressão de busca) que apresentou o resultado mais substantivo. Cada texto foi submetido à revisão com o propósito de identificar corretamente os indivíduos da elite econômica, mantendo apenas aqueles com entrevistas completas e não recortes comentados das falas dos entrevistados.

Ao material coletado aplicou-se técnicas de Análise de Conteúdo (AC)<sup>9</sup>, observando todas as etapas dessa metodologia (SAMPAIO; LYCARIO, 2021). O Livro de Códigos (LdC), principal ferramenta que orienta a caracterização dos dados, foi construído com o objetivo de responder à pergunta principal de pesquisa e suas derivações.

O texto que se segue a esta introdução está organizado da seguinte forma. Primeiro, uma breve revisão de literatura acerca de estudos sobre o empresariado suas ideias e influência no sistema político e conceitos que fundamentam esta pesquisa. Segue-se com a apresentação do material coletado e as fases de desenvolvimento metodológico. Depois os resultados são descritos em relatórios estatísticos e analisados de forma contextualizada em ciclos temporais. Os achados são discutidos na seção seguinte, comparando-os com os resultados do recente

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada frequentemente por jornalistas para indicar período em que o novo governo, recém-eleito, recebe poucas críticas. Não se refere ao ciclo centrípeto de coalizão (Abranches, 2014) entre Executivo e Legislativo.

<sup>8</sup> Empresa especializada no serviço de *Clipping* (coleta de material jornalístico).

<sup>9</sup> Para a sistematização das informações e produção de relatório de dados foi utilizado o software NVivo.

relatório desenvolvido pelo Instituto SIVIS, *Valores Democráticos no Empresariado Brasileiro* (SIVIS, 2022).

## 2 COMENTÁRIO SOBRE A LITERATURA

Esta segunda parte do texto apresenta destaca pesquisas e conceitos nos quais se apoiaram as decisões norteadoras desse estudo. Não se trata de uma revisão sistemática de literatura, são argumentações e discussões a respeito de consolidadas perspectivas de pesquisa na área de Cultura Política e de abordagens específicas da Ciência Política ao empresariado brasileiro.

### 2.1 CULTURA POLÍTICA

O estudo sistematizado da dimensão subjetiva de fenômenos políticos tem entre suas referências relevantes (RIBEIRO; ANDRADE, 2003, p. 351) a obra *The Civic Culture*, de Almond e Verba (1989), cujo argumento principal é que valores, crenças e conhecimento dos indivíduos de uma sociedade influenciam a configuração de sistemas políticos. Segundo os autores, um conjunto de orientações subjetivas podem explicar a motivação subjacente às ações praticadas pelos atores tendo como referência os objetos políticos. Estes objetos envolvem todo o sistema político, suas estruturas, a satisfação de interesses coletivos ou individuais e o indivíduo em seu papel político (ALMOND; VERBA, 1989, p. 13).

Entre os vários conceitos desenvolvidos por Almond e Verba, destaca-se, para esta pesquisa, aquele que faz referência direta ao indivíduo como ator político – “eficácia política subjetiva” –, que seria a capacidade que certos indivíduos detêm de influenciar o debate na arena política. A “eficácia política subjetiva”, segundo os autores, está ancorada na presença de indivíduos cientes de sua capacidade de influência no sistema político, participativos, quando se sentem incitados a tal, a influenciar e têm comportamento volátil, mantendo-se mais atuante ou passivo politicamente, de acordo com o contexto político e seu julgamento (ALMOND; VERBA, 1989, p. 14).

Crítico ao etnocentrismo do estudo de Almond e Verba (1989), que se concentrou no modelo anglo-saxão de sistema político, Inglehart em parceria com Welzel (2009) promovem o fenômeno econômico para o debate da Cultura Política. Esses autores realçam o desenvolvimento econômico como chave explicativa para que se alcance condições propícias à consolidação de valores de “autoexpressão”. De acordo com os autores, o desenvolvimento de uma economia diversificada garantiria autonomia dos indivíduos para a autoexpressão, condição necessária para o surgimento de sistemas políticos duradouros. No entanto, da mesma forma que o desenvolvimento socioeconômico diversificado favorece os valores de



autoexpressão, as crises econômicas podem inibir a consolidação desses valores (INGLEHART; WELZEL, 2009). Nesse sentido, incorpora-se a “autoexpressão” nesse estudo sobre o empresariado brasileiro, como mais uma perspectiva conceitual para explorar o comportamento de atores políticos.

Ainda nesta área de pesquisas de conhecimento que envolve a conformação de sociedades e Estado, é relevante citar Max Weber (2004), em “A ética protestante e espírito do capitalismo”, cujo argumento está alicerçado no comportamento dos atores sociais que professam a fé protestante. Segundo Weber (2004), esses têm inclinação para o racionalismo econômico, isto é, racionalizam suas ações, valorizam seu trabalho e afastam-se do gozo espontâneo, desenvolvendo o que ele chama de “espírito capitalista” (WEBER, 2004). Nota-se neste argumento, a importância de uma análise articulada entre o contexto econômico, condições econômicas objetivas e o conjunto de valores e ideias de um grupo social.

Entre os estudos brasileiros de Cultura Política, destacam-se aqueles que se debruçam sobre a mudança de opiniões e comportamento político no período de redemocratização brasileiro (1979 – 1988). Os estudos de Lamounier (1991) e Moises (1995) sobre esse tema, apontam para o apoio incondicional tanto da elite como das massas às ideias democráticas e à ampliação da arena política para maior representatividade. Para Moises (1995), entretanto, apoiar o novo sistema não significou adesão imediata, o que se consolidou somente em 1989. Entre as pesquisas sobre “sofisticação política”, é relevante a contribuição de Pereira (2014), cujos resultados cabe ressaltar em específico um deles, “cidadãos mais sofisticados têm opiniões mais estáveis ao longo do tempo” (PEREIRA, 2014, p. 313), em razão da análise a seguir.

José Murilo de Carvalho (2008), historiador e cientista político, retorna um pouco mais no tempo histórico e apresenta em sua obra “A construção da ordem” a coesão da elite política como argumento de consolidação do Estado (imperial) brasileiro. O fenômeno da coesão da elite política reflete o resultado de um processo de socialização ocorrido por meio de escolas de estudos superiores e profissões em comum aos indivíduos, propiciando a propagação de valores e ideias homogêneas. De acordo com o autor, essa elite de “letrados” é um grupo social diferente dos grandes proprietários escravistas e, ao mesmo tempo, um grupo político que conflita com os citados proprietários em valores e ideias, que, por sua vez, detinham 70% do total de impostos recolhidos pelo Estado Imperial. O aspecto de conflito entre um determinado grupo de empresários e a elite política, identificado por Carvalho (2008) durante o Estado Imperial, será retomado mais adiante na análise dos resultados.

Por fim, vale ressaltar o comentário de Borba e Cardoso (2019) no balanço em que fazem sobre a produção acadêmica em torno do comportamento político:

Uma temática muito pouco estudada até o momento é aquela destinada a verificar o impacto das crises econômicas sobre a cultura política. Trata-se de um tema bastante contemporâneo, um elemento importante da atual conjuntura econômica do Brasil e de outros países da América Latina, mas que ainda não foi devidamente abordado nos estudos orientados pela perspectiva da cultura política. (BORBA; CARDOSO, 2019, p. 18).

A conjuntura econômica do Brasil, no período a que se refere esta pesquisa (2019 – 2022) é abordada durante a análise dos resultados, sem vistas à confirmação de causalidade, e sim à identificação de contextos econômicos que emoldurem movimentos de mudança de comportamento em relação ao governo de Jair Bolsonaro.

## 2.2 ESTUDO DO EMPRESARIADO BRASILEIRO

Os estudos sobre o empresariado brasileiro iniciam-se na metade do século XX pela abordagem à mentalidade política do empresário industrial. Entre esses, Vianna (1987) identifica um industrial imediatista, preocupado em lucrar rápido e manter o próprio *status quo*; Bresser-Pereira (1964) explorou as origens sociais dos industriais e concluiu que, diante dos limites do Estado e desinteresse do capital externo, foram estes empresários que impulsionaram a indústria no país, durante a década de 1940. Por sua vez Cardoso (1963) classifica o empresário industrial em duas categorias, os “capitães da indústria” e os “homens de negócios”. Estes últimos administravam seus negócios racionalmente, conectados à agenda de desenvolvimento nacional para se fortalecerem junto com o país; diversamente são os capitães da indústria, em virtude do gerenciamento de seus negócios com pouca racionalidade e muitas vezes a partir de critérios subjetivos. O predomínio do tipo capitães da indústria dificultou a organização do empresariado brasileiro industrial, tornando o Estado responsável pela definição de políticas de desenvolvimento, e conseqüentemente conduzindo o país a uma fraca industrialização (CARDOSO, 1964).

A *fraqueza política* do empresariado industrial foi refutada por estudos que exploraram a participação dos industriais em espaços relevantes para a discussão de projetos de desenvolvimento. Segundo Diniz (1978), há preocupação em se garantir a liderança dos industriais no processo de industrialização, o que demonstra que esta “burguesia não é amorfa”, apesar de não hegemônica. Para Boschi (1979), esse grupo social foi capaz de influenciar

decisões políticas que afetam a indústria, exercendo o uso estratégico de formas corporativas para se organizar em torno de interesses em comum.

Textos mais recentes, pós década de 1990, trazem como contexto uma mudança no seu ambiente de atuação do empresariado brasileiro, a saber: a inflexão liberal na política econômica cujo objetivo era enfrentar a crise instalada desde meados dos anos 1980. Para Armando Boito (2006), é a pressão política da burguesia interna que modifica a política econômica com vistas a obter vantagens para si. Por outro lado, havia também o argumento de que o empresariado brasileiro não conseguiria formar consenso ou se mobilizar em torno de objetivos comuns (MANCUSO, 2004). Segundo Wagner Mancuso, os defensores da “tese da debilidade política”<sup>10</sup> da indústria responsabilizam o corporativismo industrial pela fragmentação do sistema de representação de interesse e baixa representatividade das associações, inviabilizando a organização de ação coletiva (MANCUSO, 2004). Entretanto, Mancuso e Oliveira, afirmam que a mudança de contexto para um ambiente mais competitivo (abertura econômica) revelou a capacidade do empresariado de se organizar em torno de um objetivo em comum, como, por exemplo, a redução do “custo Brasil” (MANCUSO; OLIVEIRA, 2006).

A dinâmica da intermediação de interesses dos empresários junto ao Poder Legislativo é escrutinada por estudos que procuram descobrir qual é o grau de força política da elite econômica e empresarial que se organiza em entidades (MANCUSO, 2007), a efetividade das ações em busca de seus interesses (TROIANO, 2012) e o processo interno das instituições representativas dos setores produtivos na definição de sua agenda interesses e sua defesa (TROIANO, 2017) (COSTA; BORK, 2019).

Nota-se, até aqui que a literatura versa predominantemente sobre elite industrial, este parece ser um caminho natural de pesquisa para um país em busca perene pela sua industrialização. Entretanto, assim como o desenvolvimento econômico foi contexto e fio condutor para pesquisas do século XX, as transformações que se iniciam no final do século passado e se consolidam no início do século XXI (globalização financeira) são cenário de estudos sobre a elite econômica inserida no mercado das finanças. Ainda em meados da década de 1990, Neiva (1995) investigou o processo de regulamentação do sistema financeiro nacional a fim de identificar os atores envolvidos e seus recursos de poder e analisar a capacidade desse

---

<sup>10</sup> A tese da debilidade política refere-se ao comportamento dos industriais que, em busca de privilégios estatais, se dividem e deturpam demandas e, assim, não percebem as consequências negativas para a competitividade do setor industrial (Diniz, 1997)

grupo de obter a satisfação de suas expectativas. Uma das conclusões do estudo indica que há confluência de interesses do Poder Executivo e dos atores do mercado financeiro e consequente atendimento dos interesses de ambos. Ary Cesar Minella (2007) traça o perfil econômico e sociopolítico de grupos financeiros e destaca a relevância do estudo deste campo, “a relação dos grupos econômicos com o Estado merece toda a atenção, não apenas para entendimento dos problemas de poder e das políticas públicas, mas também para a análise das formas, características e comportamento que os grupos assumem” (MINELLA, 2007, p 105). O estudo de Miguel Sena (2013) foca nas mudanças administrativas e organizacionais a que as empresas são submetidas para se adaptarem ao capitalismo contemporâneo, o que, conseqüentemente, leva ao surgimento de novas elites econômicas. Para o autor, a crescente importância do capital transnacional em substituição ao capital patrimonial familiar provoca transformações não apenas na composição da elite, mas também nas suas relações com os Estados de vários países.

Os estudos sobre o empresariado brasileiro também se concentram em analisar as ações coletivas do grupo. Na revisão de literatura realizada por Mancuso (2007) sobre obras que estudam o empresariado como ator político e classifica-as em cinco “ondas interpretativas”, nota-se a predominância de estudos em torno de ações coletivas em todas as “ondas”. Característica que se confirma em recente revisão de escopo, realizada a partir de bases indexadas<sup>11</sup> por Campos, Bergamaschi e Sangalli (2022). Os autores identificam que, no período de 2007 a 2021, a principal agenda de pesquisa sobre o tema refere-se à influência do empresariado nas decisões sobre políticas públicas ou à ambição política de empresários que procuram converter sua notoriedade, conquistada ao participar de associações empresariais, em capital político (CAMPOS; BERGAMASCHI; SANGALLI, 2022).

Na pesquisa ora apresentada, não se buscou compreender a ação coletiva do empresariado, buscou-se descrever a *representação* – percepção e interpretação – expressada publicamente, que os indivíduos da elite do empresariado fazem a respeito da política. A este estudo interessa menos como eles se organizam para agir e mais como eles interpretam questões políticas e utilizam arenas políticas e públicas (imprensa) para influenciar decisões nessa área. Nesse sentido, as pesquisas que tratam mais da *elite econômica* do que da *elite empresarial*<sup>12</sup>, como Cardoso (1963), são mais profícuas para a análise dos resultados presente no final deste texto. Inclui-se também a esse conjunto de estudos, o recente relatório desenvolvido pelo

---

<sup>11</sup> *Web of Science* e *SciELO Citation Index*

<sup>12</sup> O conceito de elite econômica e empresarial é apresentado no próximo item.

Instituto SIVIS, *Valores Democráticos no Empresariado Brasileiro* (2022), resultado de uma sondagem realizada com empresários brasileiros de todos os segmentos econômicos.

### 2.2.1 O Empresariado como Elite

A questão da relação entre elites e política está presente nas obras clássicas da Teoria das Elites (MOSCA; PARETO; MICHELS). Para Costa (2012a), as relações do empresariado podem ser analisadas a partir de algumas questões propostas por esses autores como, formas de pensar e de se organizar, atitudes dos indivíduos que compõe esse grupo e suas ações efetivas, seja no âmbito do mercado, economia ou da política. Do mesmo modo, Costa (2012a) acrescenta as proposições de Wright Mills (1985), outro representante da Teoria das Elites, para utilização metodológica – método posicional – para localização da elite.

Com efeito, Costa (2014) alerta para a diversidade de chaves teóricas e metodológicas nos estudos sobre o empresariado brasileiro. Além de delinear e diferenciar os conceitos de elite econômica e elite empresarial, o autor propõe que as particularidades e semelhanças dessas elites sejam abordadas por meio de questões políticas que abarquem valores e formas de ação política. De forma esclarecedora, a elite empresarial é “composta por dirigentes de entidades de representação do empresariado” e elite econômica “remete aos proprietários e altos dirigentes de empresas, ou seja, aqueles que possuem e/ou administram grande volume de capital e organizações empresariais complexas.” (COSTA, 2014, p. 48)

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Apresenta-se nessa seção a estrutura metodológica desse estudo, composta em duas partes. A primeira descreve o material coletado, parâmetros e forma de coleta, e a segunda parte apresenta a Análise de Conteúdo (AC) como técnica de investigação e a descrição das etapas para codificação do material coletado.

Cabe ressaltar que há uma intensa discussão sobre a qualidade da aplicação dessa metodologia em diversas áreas do conhecimento (SAMPAIO *et al*, 2022). Entre as falhas, os processos que garantem os princípios de maior validade, replicabilidade, confiabilidade, com destaque para este último, estariam ausentes na maior parte das pesquisas (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018). A partir desse alerta, esse trabalho utiliza o manual “Análise de Conteúdo Categorical: Manual de Aplicação” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) como referência, já que o mesmo, além de fazer ampla discussão teórica sobre a metodologia, apresenta etapas fundamentais para a aplicação da AC, sintetizando várias referências em um modelo para aplicação.

#### 3.1 COLETA DAS ENTREVISTAS PUBLICADAS

Esta pesquisa tem como objetivo principal descrever a *representação* da elite econômica sobre o governo e o presidente Jair Bolsonaro. Como material empírico optou-se por entrevistas jornalísticas com indivíduos desse grupo social, publicadas durante o período de janeiro de 2019 a dezembro de 2022, nos maiores jornais do país: Folha de São Paulo (FSP), O Estado de S. Paulo (OESP), O Globo (OG) e Valor (VL). Por meio da escolha de quatro veículos de comunicação como fonte de dados, espera-se diluir potenciais efeitos da linha editorial particular de cada um deles.

A coleta de dados proveniente de três dos periódicos, FSP, OESP e OG, foi realizada com o suporte da plataforma Knewin<sup>13</sup>, que alimenta, indexa e mantém o conteúdo de jornais no formato on-line. Nessa plataforma, foram realizadas buscas através de várias *strings* – três tentativas – até que se encontrasse aquela com melhor resultado, isto é, resultado que apresentasse entrevistas com empresários, empresárias ou dirigentes, que não fossem do meio

---

<sup>13</sup> Ao longo da pesquisa a empresa foi adquirida por outra empresa do setor e o site foi descontinuado. O banco de dados permaneceu ativo para consulta até março de 2023, neste endereço: <https://news.knewin.com/>

esportivo ou de entretenimento, e, em alguma parte do texto, fizesse referência ao governo federal ou ao presidente Jair Bolsonaro.

Esta é a *string* utilizada para a busca:

((("empresario entrevista"~50) OR ("empresaria entrevista"~50)) AND (governo OR bolsonaro OR política)) NOT futebol.

Esta expressão significa que foram buscadas matérias que apresentassem as palavras empresário (a) e entrevista a uma distância máxima de 50 palavras, combinadas com qualquer uma das palavras – governo, bolsonaro ou política – e não apresentassem a palavra futebol.

A coleta das entrevistas do jornal Valor foi realizada direta e manualmente no acervo do jornal, que disponibiliza todas as suas edições digitalmente, utilizando uma única expressão – “empresari\* E entrevista” – já que o sistema do periódico não comporta buscas mais complexas como a *string* apresentada acima. Este tipo de busca, apesar de mais trabalhosa, poupou esforços para eliminar as entrevistas com empresários que não ocupam posição para serem classificados como elite econômica.

Restaria ainda a necessidade de selecionar as entrevistas com falas transcritas e não comentadas, cuja fonte faz parte da elite econômica, do conjunto de matérias coletadas da FSP, OESP e OG. Esta tarefa foi realizada durante a leitura flutuante<sup>14</sup> e refinada ao longo da codificação do material. Conforme apresentado no capítulo 2, este recorte – elite econômica – se dá alicerçado no conceito delineado por Costa (2014) e transcrito no item 2.2.1. Para identificar as grandes empresas utilizou-se o ranking Empresas Mais do Estadão<sup>15</sup> como fonte informação.

Conforme indicado na Tabela 1, o corpus de análise desta pesquisa é composto por 171 entrevistas com indivíduos da elite econômica publicadas nos quatro maiores periódicos do país e que apresentam qualquer tipo de comentário sobre o desempenho do presidente Jair Bolsonaro ou seu governo.

---

<sup>14</sup> “(...) estabelecer contato com os documentos a analisar e conhecer o texto (...) pouco a pouca a leitura vai se tornando mais precisa” (Bardin, 2016, p 64).

<sup>15</sup> Acesso ao ranking Empresas Mais do Estadão: <https://publicacoes.estadao.com.br/empresasmais/>

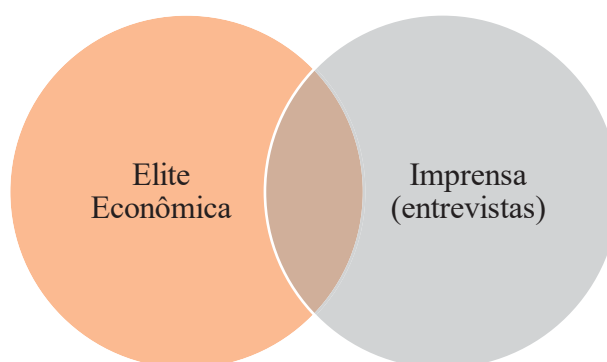
Tabela 1: CORPUS DA PESQUISA

Fonte	1ª Coleta	Selecionados
FSP	416	42
OESP	358	49
OG	223	37
VL	43	43
Total	1040	171

FONTE: A autora (2023).

A seguir, a figura 1 apresenta a representação gráfica do universo pesquisado.

Figura 1: UNIVERSO PESQUISADO



Fonte: A autora (2023).

Do universo pesquisado foram destacados os trechos que citam qualquer instituição ou agente do governo federal e o presidente Jair Bolsonaro, totalizando 284 porções de texto como unidade de análise. Segundo Sampaio (2021, p. 55), “pode-se optar por definir o parágrafo ou mesmo a sentença como unidade de análise.”.

A Figura 2 apresenta a representação gráfica da unidade de análise<sup>16</sup> que se localiza na intersecção dos três grupos, no centro do gráfico.

<sup>16</sup> Para visualização mais detalhada do processo de definição da unidade de análise (porção de texto), consultar Anexo 1 no final deste texto.



Figura 2: UNIDADE DE ANÁLISE



Fonte: A autora (2023).

### 3.2 MÉTODO DE ANÁLISE

O material coletado foi investigado por meio da metodologia de Análise de Conteúdo (AC). Segundo a definição de Sampaio e Lycarião (2021), a análise de conteúdo:

(...) é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (SAMPAIO E LYCARIÃO, 2021 p. 17)

Inspirado nas etapas essenciais da AC, formuladas por Sampaio e Lycarião (2021, p. 49), apresenta-se no Quadro 1 a seguir, um esquema com as fases realizadas nesta pesquisa e, em seguida o detalhamento sobre o Livro de Códigos e processo de codificação.

Quadro 1: PROTOCOLO DE ANÁLISE DA AC

FASE 1 (Conceituação)	Identificação do problema e questão de pesquisa
FASE 2 (Desenho e Produção)	Definição de Corpus e unidades de análise Elaboração do Livro de Códigos Teste de Codificação Revisão do Livro de Códigos Teste de Estabilidade Codificação
FASE 3 (Análise)	Tabulação dos dados Interpretação dos resultados

Fonte: Adaptado de Sampaio e Lycarião (2021, p. 49)

### 3.2.1 Livro de Códigos (LdC)

A construção do Livro de Códigos (LdC) é etapa fundamental para a aplicação da AC, uma vez que esse é a ferramenta que direciona a análise do material de pesquisa de forma sistematizada. O LdC aplicado neste estudo está dividido em quatro categorias, criadas com o objetivo de direcionar a busca pela resposta à questão de pesquisa. O Quadro 2 apresenta a versão final do LdC utilizado para codificação.

Quadro 2: LIVRO DE CÓDIGOS

CATEGORIA	CÓDIGO (Variáveis)
Material	FSP / OG / OESP / VL
	data (dd/mm/aaaa)
	título
	unidade de análise
Fonte (indivíduo)	nome
	sexo: (1) feminino; (2) masculino
	empresa
	Setor: (1) indústria; (2) comércio; (3) financeiro; (4) serviços
	cargo
	Representante (0) não; (1) sim
Conteúdo	Se sim, qual?
	Agentes mencionados - Nome
	Instituição mencionada - Nome
	tema predominante de cada grupo Grupo (A): (1) saúde; (2) economia; (3) meio ambiente; (4) educação; Grupo (B): (5) atitude; (6) desempenho (do presidente Bolsonaro) Grupo (C): (7) política em geral; (8) “não-política”; (8) eleição (88) não se aplica
Alinhamento	converge; (2) ambíguo; (3) diverge; (88) não se aplica (para cada tema identificado, de cada grupo é selecionada uma qualificação de convergência.)

FONTE: Adaptado de Sampaio e Lycarião (2021).

Além de estar ancorada na pergunta que se pretende responder, a formulação das categorias do LdC é inspirada nos conceitos apresentados no capítulo 2 desta dissertação. Entretanto, vale ressaltar que, a não ser a categoria “fonte” que está diretamente conectada ao conceito de elite econômica, é a combinação das variáveis das categorias que se sustenta sobre os conceitos eficácia política subjetiva, autoexpressão, conflito de interesses.

A primeira categoria – “Material” – foi formulada com o objetivo de recolher as características básicas de cada entrevista jornalística a serem utilizadas nos cruzamentos estatísticos, séries temporais e na localização de contextos e conjunturas relevantes para a análise. A segunda categoria – “Fonte” – diz respeito ao indivíduo da elite econômica que pode estar também presente na elite empresarial, permite traçar o perfil prevalente dos indivíduos que compõe esse grupo. A categoria “Conteúdo”, tem o objetivo de conhecer quais agentes, instituições e temáticas são comentados ou avaliados pelos empresários. A quarta categoria – “Alinhamento” – sistematiza a convergência, divergência ou ambiguidade do indivíduo às ideias, administração e tomadas de decisão do governo ou do presidente Jair Bolsonaro, incluindo o comportamento deste.

### 3.2.2 Teste de Estabilidade

Depois dos testes iniciais de aplicação do LdC, quando categorias e variáveis foram ajustadas, e antes de aplicá-lo ao conjunto do material coletado, prosseguiu-se com o teste de estabilidade. Para estudos de codificador único, que é o caso desta pesquisa, aplica-se o teste análogo ao teste de confiabilidade<sup>17</sup> (Sampaio e Lycarião, 2021).

Foram selecionados aleatoriamente 3 entrevistas de cada jornal, de cada um dos anos, totalizando 48 casos para o teste de estabilidade. A codificação foi realizada no material selecionado duas vezes, com intervalo de 7 dias entre elas, para posterior comparação. Para o teste, optou-se pela plataforma online Recal2<sup>18</sup> e avaliar a estabilidade de julgamento das

---

<sup>17</sup>“O teste de confiabilidade entre codificadores (no original, intercoder reliability test) busca verificar se diferentes codificadores têm a mesma compreensão sobre as variáveis de análise e se a codificação pode ser replicada por outrem, gerando resultados similares” (Sampaio e Lycarião, 218, p. 32).

<sup>18</sup> <http://dfreelon.org/utis/recalfront/recal2/>

variáveis das categorias “conteúdo” e “alinhamento”. O resultado foi de 91.7% de concordância para a primeira e 93,8% para a segunda, atingindo o ideal recomendado por Sampaio e Lycarião (2021, p. 102).

Figura 3: PRINT DA TELA RESPOSTA (RECAL2)

**ReCal 0.1 Alpha for 2 Coders**  
results for file "ESTABILIDADE.csv"

File size: 443 bytes  
N columns: 4  
N variables: 2  
N coders per variable: 2

	Percent Agreement	Scott's Pi	Cohen's Kappa	Krippendorff's Alpha (nominal)	N Agreements	N Disagreements	N Cases	N Decisions
Variable 1 (cols 1 & 2)	91.7%	0.89	0.89	0.891	44	4	48	96
Variable 2 (cols 3 & 4)	93.8%	0.892	0.892	0.893	45	3	48	96

### 3.3 CICLOS TEMPORAIS

Tanto para a codificação do material, como para a interpretação dos resultados considerou-se os contextos sociais, conjuntura econômica, políticas de governo e fatos de grande repercussão. Da mesma forma, observando a conjuntura, o período analisado foi dividido em quatro ciclos temporais: (i) Ciclo 100 dias, de janeiro a 11 de abril de 2019; (ii) Ciclo Reformas, de 12 de abril de 2019 a 28 de fevereiro de 2020; (iii) Ciclo Pandemia, de 1 de março de 2020 a dezembro de 2021 e (iv) Ciclo Eleições, de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2022.

No Quadro 3, logo abaixo, são apresentados resumos dos fatos relevantes e de interesse direto do grupo social pesquisado de cada ciclo. O quadro não reflete a conjuntura política e econômica completa, a função dele é de ambientar quem está lendo este trabalho no contexto histórico recente para melhor compreensão dos dados apresentados.

Quadro 3: CICLOS TEMPORAIS

Ordem	Ciclo	Período	Contexto
1	100 dias	01/01/2019 a 11/04/2019	Ibovespa alcança 100 mil pontos pela 1ª vez, o dólar oscila e mantém alta e aprovação do governo cai (15 pontos, segundo IBOPE). O governo enfrenta dificuldade para montar sua base no Congresso, causando o adiamento da aprovação da reforma da previdência. Ministro da educação e secretário-geral da presidência são demitidos.
2	Reformas	12/04/2019 a 28/02/2020	Em julho de 2019, é aprovada a Reforma da Previdência. MP da Liberdade Econômica. Plano Mais Brasil. ESC (Empresa Simples de Crédito). Programa Pró-Infra. Inicia-se discussão sobre Reforma Tributária com propostas do Congresso, a proposta do governo federal é apresentada no ciclo seguinte.
3	Pandemia	01/03/2020 a 31/12/2021	Governo decreta de calamidade pública e abre caminho para ações emergências para o enfrentamento das consequências da pandemia de Covid-19: pagamento do auxílio emergencial, políticas públicas para a manutenção do emprego e da renda, prorrogação de prazos para pagamento de impostos. Discussões sobre <i>lockdown</i> e vacinação. Manifestações do empresariado sobre o governo federal por meio de “cartas-abertas”. CPI da Pandemia. Eleições municipais. Aprovada a lei de autonomia do Banco Central
4	Eleições	01/01/2022 a 31/12/2022	A alta dos juros que se iniciou no final do ciclo anterior, acentua-se neste. O governo isentou os combustíveis do Cofins e Pis, para diminuir o impacto dos preços. A taxa de desemprego diminui, termina o ano de 2022 em 8,3%. Jair Bolsonaro candidata-se à reeleição e perde em segundo turno para Luís Inácio Lula da Silva.

Fonte: A autora (2023).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da AC (categorial) são apresentados a seguir e estão organizados num primeiro momento, com os dados são tratados por estatística de frequência (absoluta e relativa) e, logo após, descreve-se os principais achados. O texto segue com a discussão dos achados junto a textos recentes sobre o comportamento do empresariado brasileiro durante o governo de Jair Bolsonaro.

### 4.1 RESULTADOS

Antes de prosseguir com a exposição dos dados, é importante informar que a partir daqui os jornais que compuseram a fonte de dados desta pesquisa, passam a ser tratados como um universo único, com o nome de “*imprensa*”, sem distinção entre eles. Uma vez que esta pesquisa não é um estudo sobre meios de comunicação, tomou-se a decisão de tratá-los como categoria única para a interpretação dos dados.

Após a codificação do corpus, dentro dos parâmetros descritos no capítulo anterior, o universo composto por 171 matérias de jornal passou a conter 284 unidades de análise (n=284). Conforme exposto anteriormente, a análise do conteúdo e sua codificação foi realizada em porções de cada texto, o que resultou em uma contagem de maior número do que o total de casos (ou matérias).

#### 4.1.1 Temas prevalentes

De acordo com as codificações realizadas, a maior parte do conteúdo dos trechos analisados (76%), refere-se a temas que envolvem o governo federal. Neste conjunto, isto é, quando o indivíduo que concede a entrevista, fala sobre o governo federal, o tema que predomina é o da “*economia*”. Do total de vezes que descreveu, fez comentários ou opinou sobre o governo federal, no período de 2019 a 2022, o indivíduo falou 110 vezes sobre “*economia*”, o que significa 51% desse subconjunto de unidades de análise e 39% do total de ocorrências das variáveis indicativas dos temas. Este dado demonstra a prevalência da “*economia*” como assunto a ser discutido em arena pública qualificada, na “*imprensa*”.

Ainda sobre os assuntos relacionados ao governo federal, observa-se que o tema “*meio ambiente*” ocupa a segunda posição na lista ordenada, com 18% do total de ocorrências, a frente do tema “*saúde*”, mesmo diante do contexto de crise sanitária, provocada pela pandemia da

Covid-19. A seguir, apresenta-se a Tabela 2 com o número de ocorrências de variáveis que descrevem os temas tratados pelo indivíduo que concede a entrevista.

Tabela 2: FREQUÊNCIA DE TEMAS NAS FALAS DOS INDIVÍDUOS DA ELITE ECONÔMICA

	n	%
A) Tema (Governo)		
Economia	110	39%
Meio ambiente	52	18%
Educação	30	11%
Saúde	24	8%
	216	76%
B) Tema (Bolsonaro)		
Desempenho	53	19%
Atitude	3	1%
	56	20%
C) Tema (Política)		
Eleições	12	4%
“não-política”	0	0%
	12	4%
Total	284	100%

Fonte: A autora (2023)

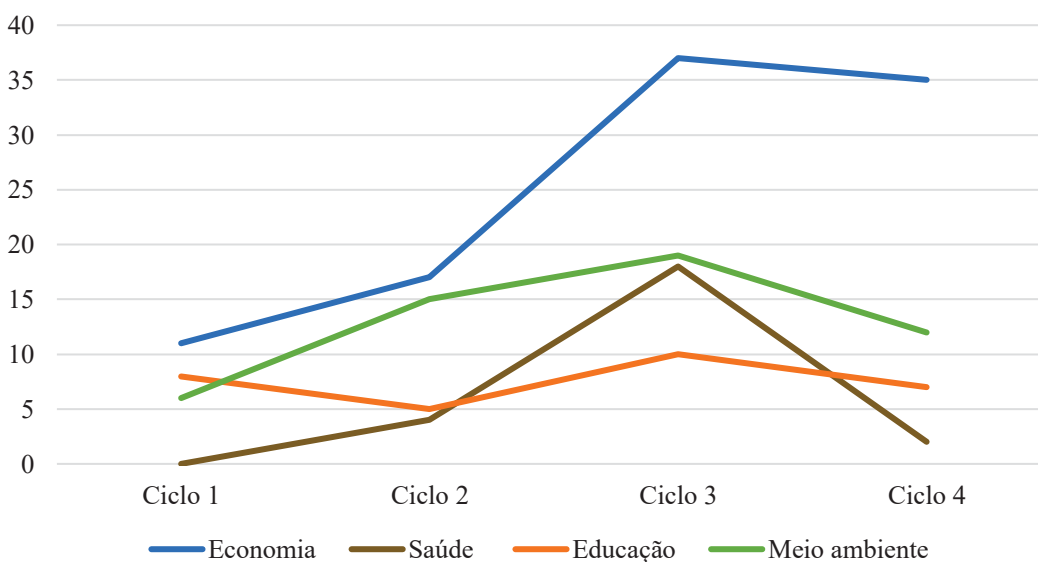
De acordo com o quadro acima, nota-se que há pouca ocorrência do tema “eleições”. Este dado precisa ser analisado com atenção às características do universo pesquisado, portanto, a interpretação correta é, no conjunto das entrevistas com indivíduos da elite econômica que contêm comentários sobre o presidente ou o governo Jair Bolsonaro, 12 trechos, isto é 4% do total de trechos codificados refere-se ao tema “eleições”.

Em relação ao tema que trata diretamente sobre o presidente Jair Bolsonaro, os comentários abrangem, na grande maioria, o “desempenho” do político no exercício das funções do cargo máximo do executivo federal, com 19% do universo total de unidades codificadas e 1% refere-se as atitudes (comportamento) do presidente. Vale ressaltar a diferença entre o volume de ocorrências relacionadas a assuntos do governo federal (76%) e ao presidente Jair Bolsonaro (20%), característica que é explorada mais adiante.

#### 4.1.2 Temas prevalentes e ciclos temporais

Ao se observar a distribuição dos temas sobre o governo federal ao longo do tempo, nota-se que a questão ambiental, assim como o tema “educação”, não tem picos de concentração, como a “economia” e a “saúde”, cujo número de ocorrências aumenta durante o ciclo 3, o período da pandemia. A constância da presença e do número de ocorrências desses temas ao longo do tempo, podem indicar que esses são assuntos relevantes para elite econômica que concedeu entrevistas aos jornais.

Gráfico 1: DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS (ASSUNTOS SOBRE GOVERNO FEDERAL) X CICLOS TEMPORAIS



Fonte: A autora (2023)

#### 4.1.3 Temas prevalentes, alinhamento e ciclos temporais

Logo abaixo são apresentadas duas tabelas com a distribuição dos tipos de “alinhamento” (convergente, ambíguo ou divergente), por temas prevalentes e nos ciclos temporais. A primeira refere-se aos temas do governo federal e a segunda aos temas do presidente. Em ACs é comum a utilização do termo “valência” e a qualificação em positivo, neutro e negativo para indicar o tipo de opinião analisada, porém, neste estudo procurou-se avaliar se as falas traziam interpretações de alinhamento que convergiam ou não às ideias e tomadas de decisão do governo ou do presidente. Neste sentido, ressalta-se que “alinhamento” não é um indicador de tipo (ou qualificação) de crítica (negativa ou positiva), indica proximidade ou distanciamento (convergência ou divergência) das falas do indivíduo às ideias e valores que direcionam o governo.



Na tabela 3 observa-se que o assunto “economia”, além de ser o mais comentado também é o que soma o maior número de ocorrências na categoria “convergente” (n=58), o que pode indicar que “economia”, além de prevalente, também é o tema em que há maior alinhamento entre as ideias e valores da elite econômica e as políticas de governo. Diferente do “meio ambiente”, que é assunto com presença constante (Gráfico 1), e diverge do governo em 40% das ocorrências de alinhamento nesse assunto (tabela 3).

Tabela 3: DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE ALINHAMENTO E ASSUNTOS SOBRE GOVERNO FEDERAL NOS CICLOS TEMPORAIS

Tema (Governo)	Ciclo 1			Ciclo 2			Ciclo 3			Ciclo 4		
	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV
Economia	7	4	1	13	6	4	23	12	5	22	9	4
M Ambiente	0	3	4	2	6	7	5	8	6	5	2	4
Saúde	0	0	0	2	2	0	9	4	5	0	2	0
Educação	0	2	4	1	3	1	5	4	4	1	3	2
Total	7	9	9	18	17	12	42	28	20	28	16	10

Fonte: A autora (2023)

Tabela 4: DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE ALINHAMENTOS E ASSUNTOS SOBRE PRESIDENTE BOLSONARO NOS CICLOS TEMPORAIS

Tema (Bolsonaro)	Ciclo 1			Ciclo 2			Ciclo 3			Ciclo 4		
	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV	CON	AMB	DIV
Atitude	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Desempenho	3	3	2	8	11	6	1	1	8	1	2	7
Total	5	3	2	8	12	6	1	1	8	1	2	7

Fonte: A autora (2023)

Na observação dos gráficos 2 e 3, logo abaixo, resultantes das tabelas 3 e 4, nota-se a concentração de ocorrências de alinhamento no Ciclo 2, no gráfico à esquerda (presidente) e no Ciclo 3, no gráfico à direita (governo).

Gráfico 2: ALINHAMENTO X CICLO (PRESIDENTE)

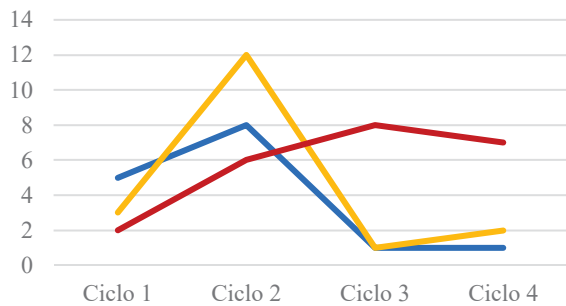
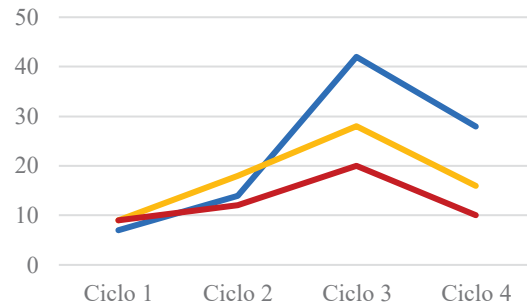


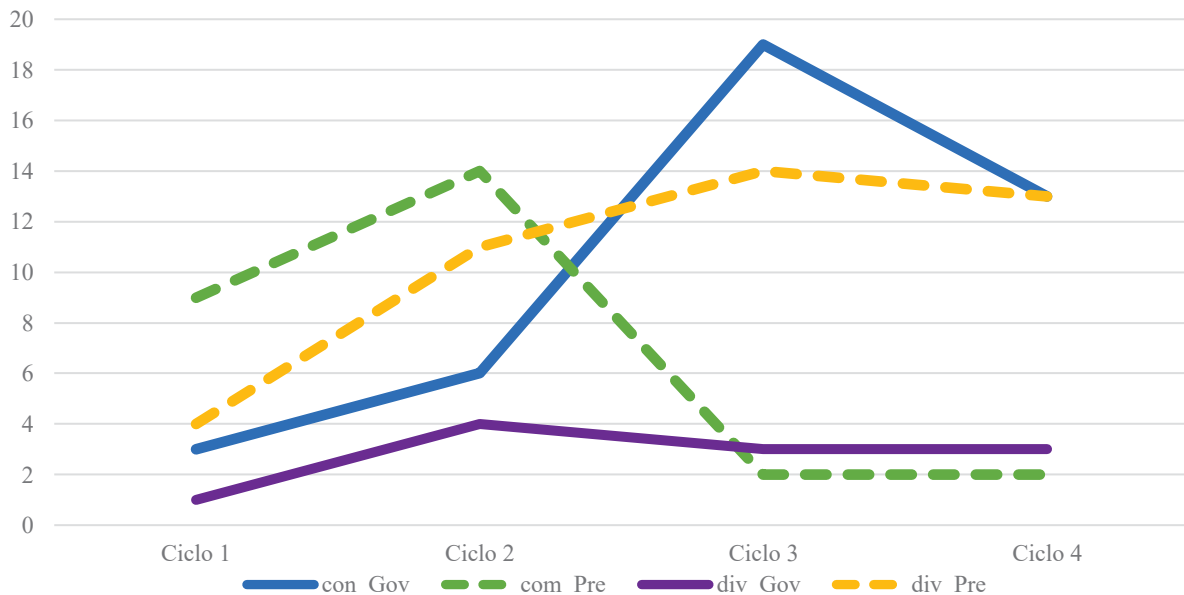
Gráfico 3: ALINHAMENTO X CICLO (GOVERNO)



Fonte: A autora (2023)

Além da diferença nos períodos de maior concentração de ocorrências, observa-se o movimento diferente da linha de convergência (azul) nos gráficos. No gráfico à esquerda inicia-se à meia altura do eixo y (número de ocorrências) e termina em quase zero e no gráfico à direita é o contrário, inicia-se baixo no eixo y e finaliza em altura média do eixo y.

Gráfico 4: COMPARAÇÃO ENTRE AS FREQUÊNCIAS RELATIVAS DAS VARIÁVEIS CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA – GOVERNO X PRESIDENTE



Fonte: A autora (2023)

Neste último gráfico (gráfico 4), onde as linhas sólidas representam o “alinhamento” ao governo e a linha pontilhada o “alinhamento” ao presidente, observa-se que a divergência em relação ao governo é baixa e constante e a relacionada ao presidente é uma curva ascendente.

As linhas da “convergência” têm curvas contrárias, enquanto a do governo sobe ao final do período, a do presidente desce.

## 4.2 DISCUSSÃO

### 4.2.1 Lua de mel

No primeiro Ciclo temporal, que engloba um pouco mais de três primeiros meses de governo em estudo, observam-se 25 unidades de análise para o Governo Federal e 10 para o presidente.

Os primeiros 100 dias de governo costumam ser são acompanhados da expectativa por ações que indiquem a consolidação do programa de governo vencedor do pleito eleitoral. Supõe-se que o novo governo utilize estrategicamente a boa vontade da opinião pública e do Congresso recém-eleito para apoiar novas medidas de administração pública. A tradição jornalística de se avaliar “os primeiros cem dias” foi iniciada nos Estados Unidos, no primeiro governo Franklin Roosevelt (1933 – 1945, 4 mandatos) que enfrentou com eficiência a forte crise econômica iniciada em 1929. Desde então, a *imprensa* adota o período para produzir análises e prognósticos em relação a novos governos.

O governo Bolsonaro toma posse em meio à crise econômica iniciada em 2014, conjuntura de interesse estratégico do empresariado brasileiro que nutria expectativa de rápidas aprovações por parte do Congresso, o que acabou não ocorrendo em relação às políticas da área econômica. A dificuldade do governo de montar sua base no Congresso, levou ao retardamento da aprovação da Reforma da Previdência, considerada como um passo importante para a estabilidade econômica do país e melhoria do ambiente de negócios.

Ao longo dos primeiros cem dias de governo, o alinhamento dos empresários às políticas de governo demonstra um equilíbrio em suas avaliações. O otimismo em relação à economia, manifestado em frases como a do empresário e usineiro Maurílio Biagi Filho, “acredito muito no ministro da Economia, Paulo Guedes. Ele é um gênio.” (BIAGI, 2019), enfrenta a preocupação com o desempenho do governante “o que se concluiu neste primeiro momento é que ele tem necessidade de alinhar as declarações com a de seu time.” (BIAGI, 2019).

A fala do presidente da Latam, Jerome Cadier, em março de 2019, demonstra alguma resignação com a dificuldade enfrentada pelo então novo governo ao negociar com o Congresso. Ao se colocar como cidadão e não como representante de uma grande empresa a dar sua opinião, Cadier fala em “ter um pouco de paciência”, demonstrando entendimento de que o processo de negociações é moroso por causa da forma institucionalizada de aprovações e critica a dedicação do presidente ao “tuíte e mídia social”.

Minha opinião, mais pessoal do que como presidente da companhia, é: temos de ter um pouco de paciência. Estamos em março. Ouço às vezes as pessoas dizendo que “não está acontecendo”. Mas até a decisão do presidente de retirar o visto americano tem de passar pelo Congresso. Isso mostra que o país está travado de uma forma que não tem solução rápida. Tínhamos uma expectativa enorme de que viria uma super mudança, que não vai vir. Será uma mudança gradual, paulatina, na medida em que a gente focar o país, a economia e os temas relevantes, e não o tuíte e a mídia social, que são irrelevantes para o futuro do país. Vai demorar um tempo para a gente conseguir mover um país que estava imobilizado. Estou tentando fazer um controle de ansiedade para que a gente não espere mais do que é factível para um novo governo. (CADIER, 2019, não paginado).

O comentário acima reflete o Índice de Confiança Empresarial (ICE)<sup>19</sup> de março de 2019, que depois de subir em janeiro e fevereiro do mesmo ano, retorna ao patamar de março de 2018, isto é, 94 pontos. Ainda que o ICE tenha recuado, o índice manteve-se acima de 90, melhor do que o patamar do início do governo anterior, que era de 84 pontos. Entretanto, não é possível afirmar que o primeiro ciclo temporal tenha sido de apoio irrestrito (lua de mel) ao novo governo.

Compreende-se, pelas falas analisadas, que havia grande expectativa com mudanças rápidas nos três primeiros meses de governo, que foi arrefecida pela dificuldade inicial de negociação e aprovação da Reforma da Previdência, no Congresso. Com expõe Antonio Carlos Pipponzi, presidente do conselho da Raia Drogasil.

A tolerância, talvez, seja em relação ao Congresso. Tudo espelha nele [Bolsonaro], bate nele, respinga nele. Nesse momento, o tempo dele é o tempo de o Congresso resolver a reforma. É complicado porque aí começam a dizer que [a reforma] não sai mais em abril, mas em julho. (PIPPONZI, 2019, não paginado)

Ainda que haja entendimento do jogo político entre os poderes e a intenção de não responsabilizar o presidente, o pragmatismo da elite econômica é nítido em suas falas, isto é, o importante seria atingir soluções imediatas e práticas com pouco envolvimento em discussões de ideias. Neste ponto, difere-se de um dos achados da pesquisa “Valores democráticos do empresariado brasileiro” (SIVIS, 2022) que indica que a preocupação com a “liberdade de expressão” supera o foco em “metas pragmáticas”, como combate à inflação ou estabilidade econômica.

---

<sup>19</sup> “O Índice de Confiança Empresarial (ICE) agrega os dados das sondagens da Indústria de Transformação, Serviços, Comércio e Construção. Os segmentos cobertos pelas pesquisas representam mais de 50% da economia nacional.” (IBRE/FGV) - <https://portalibre.fgv.br/indice-de-confianca-empresarial>

#### 4.2.2 Entre a “lua de mel” e a pandemia

O segundo ciclo temporal refere-se ao período que antecede a decretação do estado de calamidade pública no Brasil, em decorrência da pandemia do coronavírus e posterior aos primeiros 100 dias de governo, de 20 de abril de 2019 a 20 de março de 2020. Durante este ciclo, o Congresso promulga, em novembro de 2019, a Reforma da Previdência, cujo texto foi entregue em fevereiro de 2019. Além da Reforma da Previdência, considerada estratégica para a estabilidade econômica, lançou programas de desenvolvimento econômico como o “Pró-Infra” para estímulo ao investimento em infra-estrutura e sancionou MP da Liberdade Econômica<sup>20</sup>, com medidas de desburocratização e simplificação de processos para empresas e empreendedores.

Neste período observa-se indícios do sentimento de “eficácia política subjetiva” (ALMOND e VERBA, 1989) nos indivíduos da elite econômica. Segundo Borba *et al* (2018), entende-se “que essa autoavaliação positiva sobre a capacidade de influenciar decisões de natureza política favorece o cálculo sobre os custos e benefício”. É neste sentido de cálculo de benefícios e percepção da capacidade de influência, que se analisa a fala elaborada pelo dono do Giraffas, Carlos Guerra.

Estamos otimistas, a taxa de juros atual nunca foi praticada no Brasil, é algo novo. Não acredito que chegue até o consumidor muito rápido (...) Mas a verdade é que se a gente tivesse um ambiente político mais distensionado [seria melhor], se houvesse uma concentração de esforços em coisas mais propositivas do que na média que a gente vê no dia a dia deste governo. Ele acerta em algumas coisas, mas teima em errar em outras que não eram necessárias, buscando conflitos desnecessários de toda ordem. (...) O próprio investidor estrangeiro vê com alguma preocupação alguma discussão etérea que está sendo discutida. (GUERRA, 2020 – não paginado)

Interessa, a este indivíduo da elite econômica, a taxa de juros baixa, que pode não ter continuidade por consequência de “conflitos desnecessários”, “teima em errar” e prevê dificuldades com o investidor estrangeiro. Nota-se um raciocínio sofisticado com capacidade cognitiva para observar o cenário político e possíveis efeitos negativos para seu negócio.

#### 4.2.3 Pandemia e eleições

Durante o terceiro ciclo temporal, a combinação da crise sanitária provocada pela pandemia, com cenário político crítico – CPI da Pandemia e processo eleitoral desafiado pelas

---

<sup>20</sup> <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/09/23/aprovada-pelo-senado-mp-da-liberdade-economica-agora-e-lei>

posições de desconfiança de lisura – poderia resultar em uma divergência maior do que a que se percebe nas falas dos empresários. Entretanto, o que se vê é um aumento da convergência em relação ao governo federal – puxada pela “economia” com o auxílio emergencial – e o aumento da divergência em relação ao presidente.

Ainda que este seja um período que acumula o maior número de ocorrências, demonstrando uma ocupação maior de espaço na *imprensa* – arena pública e política – é também neste período que a elite econômica utiliza outros instrumentos de comunicação para se expressar. As “cartas-abertas”<sup>21</sup>, divulgadas em redes sociais e na *imprensa*, desempenham o papel de “autoexpressão” deste grupo, demonstrando que, mesmo nesse período crítico, os valores que consolidam a autonomia dos indivíduos para “autoexpressão”<sup>22</sup> estão garantidos.

Em estudo sobre empresários comerciais e governo Bolsonaro durante a pandemia, Vaccari e Albuquerque (2022) concluem que “há uma tendência de apoio passivo ao modo de Bolsonaro tratar a pandemia”, observação que não coincide com os dados deste estudo, já que aqui se observa maior divergência para o período. Entretanto, vale ressaltar que o estudo de Vaccari e Albuquerque (2022) tem as entidades empresariais do comércio como foco e estas, diante da crise, podem ter sentido sua autonomia para “autoexpressão” abalada.

A fala de Ricardo Lacerda (2021), sócio da BR Partners, sobre a “elite empresarial” que apoiou Jair Bolsonaro, parece demonstrar a autonomia que garante “autoexpressão”:

“Na ânsia de evitar o PT, muita gente séria acabou votando em Bolsonaro ainda no primeiro turno. Está aí a origem do desastre que vivemos. (...) Comprou o discurso liberal do Bolsonaro, ainda que seu comportamento em três décadas de Congresso tenha sido exatamente o oposto.”. (LACERDA, 2021)

Por outro lado, Maria Silvia Bastos Marques, conselheira da Vallourec, assume um tom mais sutil quando fala sobre as eleições no Brasil.

Algo que me anima no Brasil recentemente é o envolvimento da sociedade civil. Tínhamos uma atitude de que alguém tem de fazer alguma coisa. Está mudando, desde 2013, com as manifestações. E agora vemos a classe empresarial vocalizando preocupações. É um fenômeno novo e fundamental porque não estamos falando de questões econômicas, mas dos alicerces da democracia, da defesa das instituições. Não podemos ter investimento, empregos, crescimento sustentável, se não tivermos fundação sólida. Fico feliz de ver os empresários, a nossa elite, seja intelectual ou empresarial, enfim, as pessoas que têm voz usando em benefício do país. (MARQUES, 2021 – não paginado)

---

<sup>21</sup> Em artigo aprovado para publicação pela CLACSO, Costa e Campos (2022) analisam as cartas-abertas e entre as conclusões destacam que, diante da natureza dramática da pandemia e do impacto negativo do comportamento de Bolsonaro no seu enfrentamento, reações pontuais, talvez possam ser interpretadas como uma tentativa de superar a “leniência dos mercados” e as críticas da mídia ao silêncio ou omissão do “mercado” frente o comportamento de Bolsonaro.

<sup>22</sup> A consolidação de valores de “autoexpressão” é mais provável com a garantia de autonomia dos indivíduos, dentro de um ambiente de desenvolvimento de economia diversificada. (INGLEHART e WELZEL, 2009)

#### 4.2.4 Final de governo e eleições

A reta final do governo Bolsonaro é Na reta final do governo Bolsonaro, com a baixa aprovação do presidente (39%)<sup>23</sup>, o alinhamento convergente da elite econômica com as políticas, parece ser contraintuitivo. No entanto é a confirmação da tendência que se iniciou no segundo ciclo temporal, a saber, há um “descolamento” das imagens (reputação) entre o governo federal e o presidente. É neste período que a Faculdade de Direito da Universidade São Paulo prepara e divulga o manifesto “Carta aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito”<sup>24</sup>, que é assinado por juristas e empresários.

Ainda que as falas, em sua maioria, não indiquem explicitamente o presidente Jair Bolsonaro, contextualizando-as com o momento, conclui-se nesse sentido. O fundador da Natura, Pedro Passos comenta sobre a adesão à “Carta aos brasileiros” e enfatiza o “risco de retrocesso institucional”.

Acho que toda a população brasileira, a que está informada pelo menos, tem medo e vê risco de um retrocesso institucional. Para todos os segmentos: o cidadão comum, o empresarial, a cultura, as artes... A manifestação da sociedade civil neste momento é muito importante para evitar o retrocesso. Até então, essas manifestações não estavam coordenadas, mas dessa vez a adesão foi muito rápida. (PASSOS, 2022 – não paginado)

Algumas falas de alinhamento divergente em relação ao presidente são mais contundentes, como esta, do empresário Horácio Laffer Piva, acionista da Klabin e ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

A mim, o Bolsonaro não surpreendeu, e eu sempre disse isso. Mas a sociedade acordou para os riscos que está correndo à medida que as pessoas percebem que Bolsonaro pode ter mais um mandato pela frente, o que daria a ele a possibilidade, por exemplo, de reforçar sua posição no Judiciário, de construir uma bancada maior no Congresso. A sociedade começa a perceber que existe um risco real. (PIVA, 2022 – não paginado)

---

<sup>23</sup> Pior resultado para 1º mandato de presidentes eleitos, desde a redemocratização (DATAFOLHA, 2022) <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/30/aprovacao-reprovacao-bolsonaro-datafolha.ghtml>

<sup>24</sup> <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/07/banqueiros-candido-bracher-joao-moreira-salles-e-roberto-setubal-assinam-manifesto-em-defesa-da-democracia.ghtml>



## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou responder à pergunta: Qual é a *representação* da elite econômica brasileira sobre o governo de Jair Bolsonaro e sobre a atuação do presidente? Para cumprir o objetivo, foram analisadas falas de empresários e empresárias dessa elite, coletadas de entrevistas publicadas e jornais.

A pesquisa revelou dois achados interessantes: 1) através da análise de alinhamento às ideias e decisões de política econômica, observa-se proximidade da elite econômica junto ao governo federal e 2) através da análise de alinhamento aos valores e comportamento do presidente Jair Bolsonaro, observa-se distanciamento da elite econômica em relação ao político. Entretanto, não há indicativos suficientes para determinar algum possível cunho ideológico para o aumento da divergência com o presidente.

O último ciclo temporal – finalização de governo e eleições – apresentou um conjunto de falas mais contundente para expressar um alinhamento divergente das ideias e comportamento de Jair Bolsonaro. Desde o segundo ciclo – anterior à pandemia – é possível identificar a tendência a este tipo de alinhamento, no entanto, entremeado por posicionamentos ambíguos e menos incisivos. Há, portanto, um distanciamento visível dos indivíduos da elite econômica em relação ao presidente. O mesmo movimento não se percebe para o alinhamento com o governo federal que, no tema prevalente “economia”, apresenta maioria convergente ao longo do período, com pouca variação no número de ocorrências nos dois últimos ciclos temporais.

Por outro lado, ao perceber que o sistema democrático brasileiro estaria em risco, emerge das falas dos empresários e empresárias a *representação* sobre a democracia. Como, por exemplo “não estamos falando de questões econômicas, mas dos alicerces da democracia, da defesa das instituições.”<sup>25</sup>; “tem que colocar mais a cara, não pode ficar debaixo do radar.”<sup>26</sup> ou “Nós temos crises, muitas crises. Mas a democracia está no centro dessas crises. Ainda mais quando as lideranças políticas, as lideranças de poder, começam a questionar a existência de eleições, que é o pilar central da democracia. Isso é totalmente inaceitável.”<sup>27</sup>. Estas falas,

---

<sup>25</sup> Maria Silvia Marques, ex-presidente da CSN

<sup>26</sup> Pedro Passos, fundador da Natura

<sup>27</sup> Guilherme Leal, conselheiro da Natura

tomadas como exemplo, podem indicar a entendimento da elite econômica sobre a importância da democracia e suas instituições. Tomadas em conjunto, a análise de todas as falas capturadas ajuda a compreender a relação dos empresários com a política, como sugere o achado de dissociação entre “governo” e “presidente”, demonstrando que há distinção entre as instituições democráticas e os ocupantes de cargos, sendo, estes últimos, passíveis de constrangimentos institucionais. Contudo, nota-se uma visão instrumental da política para seus negócios, a democracia a serviço da economia.

O Relatório “Valores democráticos no empresariado brasileiro”, desenvolvido pelo Instituto SIVIS, apurou que 91% dos empresários entrevistados “concordam que apesar de alguns problemas, a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”. Ainda que a pesquisa tenha sido feita com uma amostra que abrange também pequenos empresários, este é um dado que está presente nesta pesquisa, uma vez que ao perceberem a democracia ameaçada indivíduos da elite econômica expuseram-se na *imprensa* para defendê-la. Outro dado interessante para comparação é o de “autoeficácia”, cujo nível, segundo o Instituto SIVIS, é bastante alto: 85,6%. Não é possível determinar um valor (%) exato de autoeficácia pelas falas obtidas das entrevistas jornalísticas, entretanto alguns atributos podem ser identificados para análise.

A comparação com o relatório do Instituto SIVIS também demonstra a diferença entre as respostas obtidas por um jornalista, coletadas com o objetivo de análise de uma conjuntura econômica e política específica e aquelas obtidas com o objetivo acadêmico de revelar valores e comportamentos de longo prazo do grupo social em questão. Neste sentido, ressalta-se que a contextualização das falas analisadas nesta pesquisa é fundamental para que a análise da pesquisadora encontre resultados que acompanham a conjuntura. Em outras palavras, há momentos em que a conjuntura é marcada por questões econômicas e outros em que as questões políticas de funcionamento e estabilidade da democracia são mais agudas. Esta última demonstrada no terceiro ciclo temporal, que se refere não só à pandemia em si, como à CPI da pandemia e ao período eleitoral municipal, quando se percebe a diminuição de alinhamento convergente em relação ao presidente Bolsonaro.

Há espaços que ainda podem ser preenchidos em continuidade a esta pesquisa. O primeiro deles diz respeito à *imprensa*, no sentido de compreender a relação dos jornais e seus jornalistas com os indivíduos da elite econômica, passando pela avaliação de direcionamento de pautas de interesse dos veículos de comunicação e comparação entre eles. Outro espaço refere-se a ampliar as análises para todas as falas sobre política, ampliando o recorte do material analisado para trazer à tona o que a elite econômica apresenta para debate público, quais são

seus interesses e como se dá sua relação pública com instituições democráticas. Por fim, comparar períodos de governos distintos, por exemplo, os 100 primeiros dias do governo Bolsonaro e o terceiro governo Lula, iniciado em 2022, com o objetivo de capturar possíveis semelhanças de *representação* da elite econômica.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, S. **Os ciclos do presidencialismo de coalizão**. Ecopolítica Ensaios. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; 2016.
- BOITO, A. As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil. In: **Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de America Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2006.
- BOSCHI, R. **Elites industriais e democracia**. Rio de Janeiro: Graal. 1979
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Empresários e Administradores no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1974.
- CARDOSO, F. H. **Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Difel. 1964.
- CODATO, A. Metodologias para identificação de elites: três exemplos clássicos. **Como estudar elites**. Editora UFPR. 2015. p 15 - 32
- CARVALHO, J M. **A Construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª ed. 2008.
- COSTA, P R N. Elite empresarial e elite econômica: o estudo dos empresários. **Revista de Sociologia e Política** v 22 (52). 2014.
- COSTA, P. R. N.; COSTA, L. D.; NUNES, W. Os senadores-empresários: recrutamento, carreira e partidos políticos dos empresários no senado brasileiro (1986-2010). **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 14. 2014
- COSTA, P. R. N. A elite empresarial – teoria e método na análise da relação entre empresariado e democracia. In **36º Encontro anual da ANPOCS**. Águas de Lindóia. 2012a
- COSTA, P. R. N.; Borck, I. S. S. F. Empresariado, parlamento e democracia: a CNI e o Congresso Nacional (2010-2017). **Opinião Pública**. V 25, n 2. 2019. p 433 - 471
- DINIZ, E. Neoliberalismo e Corporativismo: as Duas Faces do Capitalismo Industrial no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 20, ano 7. 1992
- ENGLER, I. G. F. **Empresários e Política no Brasil**. Curitiba. Appris. 2020
- HICKS, J.; TRAAG, V.; REINANDA, R. Old Questions, New Techniques: A Research Note on the Computational Identification of Political Elites. **Comparative Sociology** 14. 2015. p 386–401

HOFFMANN-LANGE, U. **Methods of Elite Identification. The Palgrave Handbook of Political Elites.** Springer. 2018. p 79-92

MACHADO, M. C. **Os prefeitos empresários: análise de perfil dos candidatos nos municípios brasileiros nas eleições de 2012 e 2016.** Tese de Doutorado. UFPR. 2020.

MANCUSO, W. P. O Lobby da Indústria no Congresso Nacional: Empresariado e Política no Brasil Contemporâneo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, vol 47, n 3. 2004. p 505 -547

MINELLA, A. C. Maiores bancos privados no Brasil: um perfil econômico e sociopolítico. **Sociologias**, ano 9, nº 18, 2007. p. 100-125

PEREIRA, F. B. Voto econômico retrospectivo e sofisticação política na eleição presidencial de 2002. **Revista de Sociologia e Política**, 22. Curitiba. 2014. p 149-174

PERISSINOTTO, R.; STUMM, M. G. A virada ideacional: como e quando as ideias importam. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v 25, n 64, 2017. p 121-148

RIBEIRO, E. A.; ANDRADE, C. M. Cultura política e participação diferenciada: o caso do conselho municipal de saúde do município de Dois Vizinhos, estado do Paraná. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 25, nº 2, 2003. p. 349-358.

SAMPAIO, R C; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação.** Brasília: Enap. 2021

TROIANO, M. **Os empresários no Congresso: a legitimação de interesses via audiências públicas.** Tese de doutorado em ciência política. Universidade de São Carlos, São Carlos. 2017

VACCARI, G.S.; ALBUQUERQUE, M. C. M. Os empresários comerciais e o governo Bolsonaro: da eleição de 2018 às medidas de isolamento social durante a pandemia de Covid-19. **Revista de Ciências Sociais**, 53. 2022. <https://doi.org/10.36517/rcs.53.1.d070>

WORLD BANK. **Brazil Poverty and Equity Assessment.** 2022

SIVIS. **Relatório Valores Democráticos no Empresariado Brasileiro.** Instituto Sivis. 2022

\_\_\_\_\_. **Empresas Mais. O Estado de São Paulo.** ago.2022. Relatório.

#### REFERÊNCIAS – ENTREVISTAS CITADAS

CADIER, J. Brasil está travado de uma forma que não tem solução rápida, diz presidente da Latam. **Folha de São Paulo.** 26 mar. 2019. Entrevista

GUERRA, C. Equipe econômica é a melhor desde a redemocratização, diz presidente do Giraffas. **Folha de São Paulo.** 21 jan. 2020. Entrevista.

LACERDA, R. Elite empresarial precisa fazer mea-culpa por apoiar Bolsonaro, diz Ricardo Lacerda. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 03 abr. 2021. Entrevista.

MARQUES, M. S. B. 'É fundamental que elite vocalize preocupação com a democracia', diz ex-presidente do BNDES. **Folha de São Paulo.** 21 ago. 2021. Entrevista.

PASSOS, P. 'Uma ruptura institucional penalizaria o ambiente de negócios', diz o empresário Pedro Passos, da Natura, em entrevista. **O Globo**. Rio de Janeiro. 08 ago. 2022. Entrevista.

PIPPONZI, A. C. Há receio de que ocorra paralisia no país, diz presidente do conselho da Raia Drogasil. **Folha de São Paulo**. 28 mar. 2019. Entrevista

PIVA, H. L. Carta em defesa da democracia marcou 'alerta' ante ameaça de eleições 'brutais', diz empresário Horácio Lafer Piva. **O Globo**. Rio de Janeiro. 07 ago. 2022. Entrevista

## ANEXO

### 1) Exemplo de recorte de unidade de análise e codificação do tipo de alinhamento.

#### Jorge Paulo Lemann, EMPRESÁRIO

Maior investidor brasileiro, Jorge Paulo Lemann diz que déficit na Educação tira competitividade do Brasil e conta por que se envolveu na política

# “É PRECISO BRIGAR MENOS E INVESTIR MAIS EM EDUCAÇÃO”

**THOMAS TRAUMANN**  
@thomastraumann

**H**omem mais rico do Brasil, o investidor carioca Jorge Paulo Lemann revolucionou a gestão empresarial com o seu foco em metas, resultados e prêmios baseados em meritocracia. Agora, tenta repetir o feito no setor público. Através da fundação com seu nome, Lemann criou projeto para replicar a experiência de Sobral, cidade cearense de resultados acadêmicos consistentes, concede bolsas para servidores públicos e financia grupos de renovação na política. Em duas raras entrevistas, em seu escritório em São Paulo, Lemann falou de política. “Eu não influencio ninguém, não digo a ninguém como deve votar, não vou me meter em política partidária”.

**Quais as lições para o Brasil desses últimos dez anos?**

A de que a corrupção não funciona. Não estou nem falando apenas no sentido moral, porque é óbvio, mas no sentido de resultado econômico. A corrupção distorce a competição entre as empresas e elimina a meritocracia. O produto final, digamos uma estrada, passa a ser decidida pelo suborno pago, não pelo encurtamento da distância ou pela qualidade do asfalto ou o que seja. A corrupção produz uma economia ineficiente.

**Qualição o Brasil não aprendeu nesses dez anos?**

O Brasil briga demais. Esse clima de divergência im-

pede a produção de consensos. Todo mundo concorda que o Estado é ineficiente e pendulário, mas por que não é possível sentar e construir consensos de como entregar serviços públicos de maior qualidade? Todo mundo concorda que é preciso investir mais e melhor na educação, mas como fazer a decisão certa com tanta briga? O Brasil precisa brigar menos e investir mais em educação.

**A elite política e empresarial entende a importância da educação?**

Não tem atalho para o Brasil crescer no longo prazo fora de oferecer uma educação de qualidade para todas as crianças. A possibilidade de um país competir no mundo moderno depende da educação que dá às suas crianças. É possível que o Brasil nunca vire uma Singapura, mas já seria ótimo virar uma grande Sobral (cidade cearense com bons índices de educação).

**O Brasil vale a pena?**

Quer ver três coisas que funcionam bem no Brasil? A educação em Sobral, o vôlei dos técnicos Bernardinho e Zé Roberto e a Ambev. São três exemplos brasileiros de metas, cobranças e foco. Os alunos das escolas públicas de Sobral disputam olimpíadas mundiais de matemática, mostrando que é possível ter educação de qualidade em cidades pobres. Os técnicos Bernardinho e Zé Roberto mudaram a mentalidade do esporte brasileiro. A Ambev começou como uma grande cervejaria brasileira e hoje é a maior do mundo (através da AB InBev). São exemplos brasileiros de excelência.

**Q**ue faria se estivesse começando sua carreira agora?

Se eu tivesse 20 e poucos anos iria passar dois anos no Vale do Silício ou em um lugar de ponta de tecnologia, como Singapura. Iria aprender tudo o que eu pudesse e montaria meu próprio negócio. E voltaria ao Brasil. Aqui tem muita oportunidade.

**Como empresário, o senhor manteve uma posição política discreta. Por que hoje a Fundação Lemann está ajudando pessoas a entrar na política?**

Não entramos na política partidária. A Fundação concedeu 300 bolsas para jovens estudarem políticas públicas na Kennedy School, Oxford e em Columbia (universidades de excelência nos EUA e Reino Unido) e voltarem ao Brasil. Na Fundação, chamamos o ex-prefeito de Sobral, Veveu Arruda, do PT, amigo dos irmãos Gomes (Ciro e Cid), para replicar a sua experiência de sucesso em cidades com menos de 200 mil habitantes. Estamos testando atualmente em 25 cidades. Se der certo, vamos fazer mais 250. Não estamos na política para eleger ninguém, mas para ajudar a produzir políticas públicas mais eficientes.

**Existe uma bancada Lemann no Congresso?**

Isso não existe, eu não influencio ninguém, não digo a ninguém como deve votar, não vou me meter em política partidária. Ajudamos os movimentos de renovação na política porque acreditamos que a política é importante.

**Como é o processo de escolha dos bolistas candidatos?**

São pessoas de todas as camadas políticas comprometidas com o bem público. O importante não é se o político é de esquerda ou de direita, mas se ele dialoga. Tem o Felipe Rignoli, a Tábata Amaral... Aliás, a Tábata está bem à minha esquerda no espectro político.

**Esses movimentos de renovação política vão um dia eleger um presidente?**

A Tábata é jovem, tem 26 anos. O Eduardo Leite (governador do Rio Grande do Sul) tem 34. Eles têm uma vida pela frente.

**E o Luciano Huck?**

Não sei se ele será candidato.

**Como avalia os primeiros meses do governo Bolsonaro?**

O rumo do (Paulo) Guedes está correto. Poderia ter menos agito na parte política.



Entrevista: “É preciso brigar menos e investir em pesquisa”

Fonte: Jorge Paulo Lemann

Unidades de análise:

1) “O rumo do (Paulo) Guedes está correto.” → Tema: Economia | Agente: Paulo Guedes | Alinhamento: Convergente

2) “Poderia ter menos agito na parte política” → Tema: Política | Agente: Ausente | Alinhamento: Divergente

Observação: Toda a entrevista passa por temas da política ou que a tangenciam, entretanto apenas a fala final refere-se ao Governo Jair Bolsonaro.

## 2) Exemplos de codificação de tipo alinhamento

Trecho (unidade de análise)	Alinhamento
“O presidente tem se mostrado incapaz de governar, de unir o país, de gerir a pandemia e de emplacar uma agenda minimamente construtiva para superar a crise. Se não fez isso quando estava forte, com a popularidade alta, não o fará agora.”	Divergente
Nós temos crises, muitas crises. Mas a democracia está no centro dessas crises. Ainda mais quando as lideranças políticas, as lideranças de poder, começam a questionar a existência de eleições, que é o pilar central da democracia. Isso é totalmente inaceitável.	Divergente
Qual é a minha avaliação? No ano passado, o Ministério da Saúde e médicos da linha de frente preconizaram, divulgaram e defenderam muito o tratamento precoce. Mas eu acho que eles foram atacados, ridicularizados, ameaçados e se cansaram da defesa. Aí vem o resultado que temos hoje: as pessoas não fazem o tratamento precoce, tomam dipirona e a doença se agrava. Quando vai ver, a situação já é de internação, e estamos no caos de hoje, com sistema colapsado, porque não tem tantos leitos no Brasil.	Convergente
A equipe econômica é a melhor desde a redemocratização, gera muita confiança no mercado e estão acertando muito mais do que errando. Se não houver nenhum agravamento da disputa política que envolve outros fatores, acredito que vamos ter um período de crescimento por mais tempo.	Convergente
Não sei se ficou com medo. Não gosto de fazer suposições. Se não entrou a reforma administrativa, vai ter que entrar. Até porque tem que haver uma transformação do estado brasileiro, da máquina. Há necessidade de reforma administrativa e tributária.	Ambíguo